



Microfone Aberto: Transcrição do episódio com Marcele Porto

Eu sou Marcele Porto, tenho 37 anos, sou cariocuíssima, nasci em Caxias na década de 80, filha de pais bem jovens que me deram toda liberdade na minha criação e isso foibem importante para desenvolver uma alma sonhadora e empreendedora. Em 2013 eu abri um negócio e fui me perceber empreendedora de fato em 2015, por que eu tocava o meu negócio e eu tinha um emprego fixo, então eu nadava com colete salva-vidas... E aí a partir do momento que eu tive que sobreviver do meu trabalho, que eu tive que gerar renda para viver a partir daquilo que produzia, eu fui começando a me perceber empreendedora. E comecei a ter muita dificuldade, me senti muito sozinha, eu tinha muito conhecimento de gestão, abrir uma empresa como a gente estuda na faculdade com plano de negócios, com tudo bonitinho, e na hora da vida real eu quebrei muito a cara, mas um fator que me doeu bastante foi me perceber mulher dentro desse processo, porque eu nunca tinha parado para prestar atenção nisso...

O meu histórico profissional sempre teve muito rodeado de homens, as minhas equipes eram muito masculinas e eu era a única mulher dentro daquele contexto, na adolescência eu estava sempre no meio dos meninos jogando bola, fazendo judô e jiu-jitsu, sempre em contextos muito masculinos... eu estudava num colégio que era a integral, de 7 às 5:30, eu saía do colégio eu ia para natação, eu ia para sei lá onde... então eu não tinha uma tarefa doméstica a ser executada, eu arrumava meu quarto mal e porcamente uma vez por semana e ainda pedia pelo amor de Deus para minha mãe me liberar da tarefa... e no momento que eu abri minha empresa eu abri um hostel, que é uma espécie de pequena pousada, e o que eu tinha que fazer na verdade era cuidar de uma casa. Eu tinha que estar preocupada se as camas estavam arrumadas, se o café da manhã tava pronto, se a casa estava arrumada adequadamente, se aquele espaço estava adequado para receber alguém e para acolher alguém. Com 3 anos, 2 anos e pouco de empresa eu comecei a me questionar em relação a isso eu comecei a procurar no Rio de Janeiro mulheres empreendedoras, comecei a jogar e a usar essa hashtag no Instagram e eu vi que aqui no Rio de Janeiro não tinha muito esse movimento. E fui começando pesquisar na internet até que eu conheci o projeto que era "Escola de Você" que era tocado

pela Ana Paula Padrão e pela Natália Leite, que acontece até hoje em dia, e elas faziam vídeos e faziam lives numa época que isso nem era muito fomentado... e eu assisti aquilo e devorei aquilo, e comecei a fazer uma rede. Só que essa rede da Escola de Você era muito mais forte em São Paulo do que aqui, e elas faziam aqueles encontros, aquelas reuniões eu falava “gente porque a gente não faz isso aqui, porque que a gente não faz isso aqui?” e aí foi nesse desejo pessoal mesmo, de trazer esses encontros para cá, que junto com uma com uma outra mulher, que chama Sara e que também era da Escola de Você, a gente resolveu conectar as redes de mulheres que a gente conhecia para tentar fazer um dia da mulher, um dia comemorativo da mulher, que foi 8 de março de 2017, e foi no hostel, foram 40 inscrições que foram preenchidas muito rápido e a gente não tinha certeza se aquilo ia dar certo, se não ia, enfim, deu certo e foram 50 mulheres, foi uma roda que durou muito mais que o previsto. Teve gente que saiu do hostel 11 horas da noite, e aí tinha hóspede, tinha tudo, foi uma confusão, e eu saí daquela roda muito feliz, mas falando que eu nunca mais ia fazer aquilo na minha vida... E aí, foi tudo muito bom, tudo muito bem... “não, mas vamos criar um grupo”, E aí “Ah não, então vamos pelo menos criar um grupo no Facebook para compartilhar as fotos”. E aí surgiu o grupo que era, elas mesmo colocaram esse nome, “Juntas Somos Mais” e daí eu pedi um amigo “ah não, já que vai criar uma coisa no Facebook deixa eu ficar bonitinho”. Pedi ao meu amigo para criar uma logo, e ele fez a logo e eu fiz uma página que num primeiro momento ali na página eu ia ficar postando algumas coisas relativas ao empreendedorismo. Mas eu comecei a perceber que isso não era suficiente, né, a gente precisava muito do olho no olho, desse contato presencial... E comecei a participar de outras redes, me voluntariei em ONGs que trabalhavam só com mulheres, comecei a fazer um trabalho com a Asplande também aqui no Rio, com a rede Mulher Empreendedora, entrei no grupo Mulheres do Brasil e fui me envolvendo nesse contexto do empreendedorismo feminino muito para amenizar minhas próprias dores e entender esse processo do que tava acontecendo comigo. E aí em cada situação que eu passava com meu negócio, eu identificava muitas das coisas que eu havia ou apreendido com alguém uma roda, ou que eu havia feito em um exercício num desses encontros, e eu fui começando a identificar essa potência do que as mulheres estavam me permitindo né.

É difícil uma mulher se perceber empreendedora, porque a gente não foi educado para isso, a gente não foi ensinado para isso, essa palavra entrou no nosso vocabulário tem pouquíssimo tempo, né... mas se você for pesquisar, existe uma pesquisadora que eu gosto muito que é a Sara Saraswati, é uma indiana que ela tem a teoria “efectuattion” que é totalmente comportamental e se você for olhar detalhadamente os pilares da teoria delas, são coisas que a mulher fez a vida inteira para administrar a casa, para administrar o seu lar, só que não era dado com esse nome, né... Eu acho que ainda nem tem um nome e essa palavra empreender, se você for pegar etimologia da palavra, ela tá muito relacionada à execução, e sei lá porque cargas d'água ela passou a ser relacionada com abertura de uma empresa, com abertura de um negócio, né... quem abre um negócio é um empresário, é uma empresária e empreender é muito além de você ter um CNPJ, enfim, na minha opinião realmente empreendedorismo é comportamento.

A sororidade eu vejo muito sororidade como empatia, né... mas uma empatia dentro das mulheres, né, uma ser empática com a outra e uma fortalecer, uma puxar a outra, né. Acho que existe um mito muito grande do negócio de “ah, as mulheres,

não dá muita mulher junta dá problema, não sei o que e que as mulheres não se ajudam"... Eu, graças a Deus, tive mulheres incríveis que me ajudaram muito e me ajudam muito na minha trajetória, além da minha mãe, da minha avó e da minha tia, que são assim mulheres que eu abusadamente contei a história delas também no livro, no TED sem pedir autorização, mas por que foram mulheres que realmente me inspiram me inspiraram e construíram quem eu sou hoje, eu acho que a gente acaba se tornando, dentro dessas conexões, a gente se acaba se tornando um pouquinho de cada uma, né, e a sororidade eu acredito que é uma sentir a dor da outra, uma puxar a outra, uma reconhecer o potencial da outra né e entender que nós somos únicas mas nós não somos nem perfeitas e nem completas, e que uma complementa a outra, e que uma pode complementar as potencialidades da outra, assim como os homens também podem completar lacunas que faltam, e enfim, mas no caso específico das mulheres é realmente é uma puxar a outra.

O livro "Alma Feminina no Negócio" foi uma coisa muito, muito, muito inusitada que aconteceu na minha vida. Na época eu tinha bastante tempo livre no hostel, porque os hóspedes tomavam café, saíam para passear e voltavam no final do dia e muito rapidamente eu e meu marido conseguimos organizar os nossos processos de uma forma que a gente ficasse com a tarde bem livre, o meu marido é advogado, e nessa época foi a mesma época que os processos se tornaram eletrônicos, então ele só precisava de silêncio e internet para trabalhar, e o hostel tinha isso muito tranquilom o hostel funcionava numa casa de 800 metros quadrados em Santa Teresa, cheio de árvore cheio de passarinho... E aí uma amiga de uma amiga tava fazendo um MBA de Book Publishing na Casa de Educação em São Paulo, e o trabalho de conclusão de curso deles era produzir um livro, e ela me fez a proposta, tinha ela e mais três amigos no grupo, todas as pessoas muito dentro e muito especializadas no trabalho com o livro, todos trabalhando em editoras conceituadas já há muito tempo e tudo, e aí ela me fez a proposta "olha, a gente não tem nada para te pagar para você escrever o livro mas a gente se compromete que quando o livro estiver pronto a gente vai dar um jeito de colocar pelo menos na Amazon, disponibilizar na Amazon". Então foi o livro que foi um projeto educacional, eles diagramaram tudo, com todo o cuidado e o livro realmente ficou lindo, quando o livro ficou pronto, ficou lindo e foi surpreendente para mim. O lançamento dele foi em São Paulo, por que era para um TCC, só que foram umas pessoas que eram minhas amigas, postaram as fotos e as redes sociais criaram burburinhos, as pessoas perguntando quando que ele ia ser lançado aqui. E aí, o Lal Oi Futuro também me abriu as portas para que eu pudesse fazer esse lançamento aqui, em julho de 2019, foi um momento muito especial também, onde eu mais chorei na palestra do que dei a palestra, porque os personagens do livro estavam todos na plateia, pessoas que estudaram comigo no colégio, enfim... E o livro na verdade a gente não quis que ele fosse um livro totalmente teórico, que desse um passo a passo de gestão para mulher que quer empreender ou para mulher que já empreende mas ele que ele fosse um livro que conseguisse, através das minhas histórias, das coisas que aconteceram na minha vida, ir dando ilustrações e exemplos e conectando essa teoria com a prática, então o resultado me deixou muito feliz, e depois o feedback também das pessoas que foram lendo foi bem legal. Os exemplares físicos acabaram super rápido e depois conforme o prometido, eles colocaram o livro disponível na Amazon; Então tem lá agora, disponível para todo mundo que quiser conhecer essa história, tá lá a alma feminina no negócio.

Uma dica para quem deseja empreender, principalmente mulher, primeiro: avaliar muito, fazer muito por você, o que que você realmente quer, né... porque normalmente a mulher coloca sempre a família em primeiro lugar e às vezes ela vai abrir um negócio porque o mercado de trabalho não absorve mais ela quando ela engravida, quando ela tem um filho, esse mercado não tá preparado para receber ela de volta... Ou como alguns casos que também já escutei, quando essa mulher fica doente, depois ela ela tem a porta de trabalho fechada, e aí ela precisa de qualquer forma se sustentar e acaba indo para o lugar do empreendedorismo, né. E aí a gente tem esse número tão grande do empreendedorismo por necessidade ao invés do empreendedorismo por oportunidade de você visualizar oportunidades, e resolver investir nisso, quando o perfil do empreendedor é uma mulher. Mulher acaba colocando a necessidade acima de tudo, então para quem quer iniciar, está com sonho disso, eu acho que o primeiro passo é sempre se colocar em primeiro lugar, né, fazer essa pergunta e se responder o quê que te faz realmente feliz. Porque eu acho que vendem muito esse sonho de que “ah, o empreendedorismo né, o empreendedorismo glamourizado, que aí é tudo tudo maravilhoso, é muito bom, é flexível, você faz seus horários”, enfim... Mas é muito duro, é muito solitário, é muita responsabilidade nem sempre você atinge as metas que você deseja, então você tá preparado para isso ou o que te faz feliz realmente é ter o seu salário caindo ali na conta. e você só tá pensando em empreender, porque se sei lá, você não gosta do seu chefe, ou por que você não tá feliz dentro daquele contexto específico daquele seu trabalho? Então acho que o primeiro passo é, no caso de abrir uma empresa, é realmente avaliar todos os possíveis cenários, quando a gente fala de um empreendedorismo por oportunidade, eu vou empreender porque eu quero, né; eu tenho um recurso financeiro, eu visualizei uma oportunidade e eu tô pensando em fazer isso. Agora quando você tem o outro lado da moeda, “ah não eu preciso botar comida dentro de casa, eu comecei a fazer algum tipo de serviço ou eu inventei algum produto, eu coloquei isso no mercado e isso tá começando a fazer sentido e enfim” acho que a palavra é coragem, coragem de visualizar isso como uma empresa e começar a dar os passos para estruturar, que seja no primeiro passo por um mês, que seja no primeiro momento conversando com contador, para fazer com que isso se consolide e que se torne realmente um negócio sustentável.